

PARA UM ESTUDO DO GÊNERO TEXTUAL INFOGRÁFICO

Priscila MANFRÉ (PG - UEL)

Cláudia L. Nascimento SAITO (PG - UNESP)

ISBN: 978-85-99680-05-6

REFERÊNCIA:

MANFRÉ, Priscila; SAITO, Cláudia L. Nascimento.
Para um estudo do gênero textual infográfico. In:
CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS
LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007,
Maringá. *Anais...* Maringá, 2009, p. 1955-1964.

1. INTRODUÇÃO

A notícia científica tem se tornado mais freqüente, sobretudo na mídia impressa, à medida que aumenta o interesse do leitor pelos avanços dos conhecimentos e pelas novas possibilidades que as descobertas da ciência têm trazido para a saúde e bem-estar dos indivíduos. Os novos saberes científicos necessitam de uma “tradução interlingual” (MORTUREX, apud LEIBRUDER, 2000), uma vez que o leitor leigo que busca informação e explicitação desse saber necessita de um ajuste ou adaptação do hermetismo próprio do discurso científico para uma linguagem que lhe seja inteligível. Dessa forma, o texto de divulgação e vulgarização científica vai se constituir pela intersecção de discursos de duas esferas de comunicação: a esfera de comunicação científica (com as características do discurso científico, tais como a objetividade, a suposta neutralidade e a impessoalidade da linguagem) e a esfera de comunicação jornalística (discurso de transmissão de informação, linguagem que tende para a subjetividade, a informalidade, a coloquialidade, clareza e concisão).

O caráter metalingüístico do texto de divulgação científica, ou seja, a sua capacidade de se auto-explicar ao articular em sua “arquitetura textual” (BRONCKART, 2003, 2006) elementos do discurso científico e do jornalístico, constitui uma prática de linguagem heterogênea, o que exige do jornalista-divulgador *capacidades* (SCHNEUWLY & DOLZ, 1998) de operar a “tradução intralingual” incorporando elementos lingüísticos e extralingüísticos de duas esferas de comunicação. Surge, então, uma nova tendência, sobretudo nos *mass media*: a da utilização de recursos visuais.

Um dos objetivos de nossa pesquisa é o analisar e descrever o discurso de divulgação científica na forma como se apresenta nos suportes mediáticos destinados ao público juvenil, um dos fatores que constituem as condições de produção desse discurso

, uma vez que o público jovem de revistas do gênero, como por exemplo a revista *Superinteressante*, mais do que o público leitor de outras faixas etárias, necessita de formas de textualização que lhe sejam familiares: registro lingüístico mais coloquial, conteúdos apoiados em diferentes linguagens ou modos de semiotização, recursos visuais didatizantes como gráficos, desenhos, sons, tabelas e, sobretudo, infográficos, estratégias discursivas que tendem a aproximação do leitor da temática abordada. .

Nesta comunicação, ao enfocarmos a organização discursiva de um desses recursos, a infografia, pretendemos demonstrar que o infográfico constitui um novo gênero da esfera jornalística, inserido nas atividades de linguagem de divulgação científica, ou seja, no sistema de atividades (BAZERMAN, 2005) do jornalismo de divulgação científica. . Para tanto, buscamos nos apoiar no conceito de gênero discursivo formulado por Bakhtin e na classificação de infografia apresentada por Colle (1996). O artigo está organizado em três partes, nas quais discutimos: a) o contexto de viabilização da esfera jornalística; b) as características do jornalismo científico e, finalmente, c) os recursos visuais do jornalismo científico que configuram o infográfico como um gênero do discurso de divulgação científica da esfera do jornalismo.

2. A ESFERA JORNALÍSTICA

O jornalismo foi viabilizado tecnologicamente pela imprensa criada por Gutenberg, no século XV, contudo, a sua consolidação somente ocorreu na segunda metade do século XVI, quando a burguesia ascendeu ao poder e a alfabetização ocorreu em larga escala.

Neste contexto social, a educação e a informação tornaram-se um capital necessário, um indicador econômico, financeiro e também um instrumento político de divulgação e consolidação de novas idéias, conhecimentos, opiniões e, conseqüentemente, de cristalização de valores ideológicos oriundos das formações sociais aos objetos culturais que nela circulam.

Essas condições sociais se tornaram o contexto de configurações de uma nova esfera de comunicação social – a jornalística -, que passou a ter como objetos os acontecimentos, os fatos e as opiniões da atualidade e de interesse público, regidos por quatro características intrínsecas – a atualidade, a universalidade, a periodicidade e a difusão (MEDINA, 1988).

As interações sociais dessa esfera apresentam características e finalidades próprias, podendo ser classificadas em duas grandes categorias – a do jornalismo informativo e a do jornalismo opinativo. O jornalismo opinativo expressa o posicionamento crítico sobre fatos e acontecimentos veiculados nos suportes da mídia impressa e digital sob a rubrica de “opinião” (do articulista, como no jornal *Folha de São Paulo*), “opinião do leitor” e “painel do leitor” (na seção de opinião do leitor, como no jornal *Folha de Londrina*), “crítica” (na seção crítica, como no *Caderno Cotidiano*, no jornal *Folha de São Paulo* e *Caderno Dois*, na *Folha de Londrina*), espaços em que a *contra-palavra* e a *reação-resposta* do enunciador (BAKHTIN, 1929/1972) se fazem ouvir a respeito de temas polêmicos que têm atraído a atenção dos cidadãos.

Já o informativo ocupa-se de dos relatos de experiências e fatos que podem referir-se à saúde, cultura, moda, lazer, comportamento, entre outros. Dentro dessa última modalidade jornalística, a notícia científica vem tomando cada vez mais espaço. São notícias de cunho científico, em que temas da esfera da ciência são divulgados e

explicitados pelos meios de comunicação de massa, fazendo parte do **jornalismo científico**.

3. O JORNALISMO CIENTÍFICO

A rapidez com que se desenvolve a ciência, a amplitude de suas descobertas e conquistas tanto na área de saúde como de tecnologia, faz com que o interesse por informações sobre a sua evolução se torne tão necessário quanto sedutor. A busca por informações científicas nos sites de busca da WEB demonstra que a divulgação desse saber não pode ficar na clausura dos laboratórios e salas de pesquisa, pois o cidadão deseja conhecer e saber mais sobre os sintomas que afetam sua saúde, as questões ambientais que afetam o meio ambiente, os objetos que estão sendo criados ou desenvolvidos e que irão transformar a sua vida. Enfim, o saber científico precisa extrapolar a esfera científica e ser transposto para o público leigo.

Assim, surge o jornalismo de divulgação científica, fazendo emergir novos modos de enunciar - gêneros de discurso que apresentam características composicionais, estilísticas e temáticas que precisam ser estudadas, como a **notícia científica**, a qual adapta e transforma a notícia jornalística para se tornar um gênero autônomo, configurado em condições sócio-históricas de produção determinadas, que lhe dão as características específicas, objetivando atingir um público certo – pessoas interessadas em ciência, mas não necessariamente especialistas nessa área. Tal fato torna a divulgação científica a grande aliada na construção de um meio social moderno e democrático, pois “possibilita a participação da sociedade no desenvolvimento técnico-científico” (MACIEL, SABATINI, p. 2).

Porém, segundo Bueno (1984, p. 11), a divulgação da ciência, segundo os padrões da atividade jornalística, “enfrenta inúmeros obstáculos, decorrentes das características e especificidades dos processos de produção do conhecimento científico e de comunicação de massa”. Com isso, nem sempre o uso de signos verbais apenas é capaz de transmitir ao destinatário do artigo de divulgação científica as informações de forma simples e breve. Muitas vezes o autor vale-se de recursos visuais para isso, dentre os quais um dos mais eficazes e utilizados pela mídia escrita atualmente é o infográfico.

4. OS RECURSOS VISUAIS DO JORNALISMO CIENTÍFICO

O ágil processo de globalização por que passamos rompeu barreiras econômicas e políticas e, somado à informatização trazida pela terceira revolução industrial, viabilizou a difusão de informações e deu ao nosso tempo o caráter da rapidez e da efemeridade (MOTTA-ROTH, 2005, p. 185). Aliado a isso, a propensão ao consumismo que rege a sociedade contemporânea faz com que até a informação seja vista como uma mercadoria. Como o produto que é, esta deve, portanto, ser o mais sedutora e atrativa possível ao seu público consumidor.

Tornou-se, dessa forma, uma tendência dos enunciadores dos produtos da comunicação social a utilização de recursos visuais em suas mensagens, pois estes, além de muito mais atraentes do que o texto apenas verbal, promovem uma decodificação instantânea, o que faz a informação ser transmitida diretamente, visto que “a maior força da linguagem visual está em seu caráter imediato, em sua evidência espontânea” (DONDIS, 2000 p. 134).

Dessa forma, tudo o que puder ser dito por meio de imagens deve ser feito, afinal os leitores, preocupados em deter a informação com rapidez, têm se caracterizado como extremamente visuais. Em consequência, os manuais de redação de jornal passaram a afirmar que tudo o que puder ser dito ao seu público-alvo (destinatários) em forma de gráficos, mapas, tabelas, ou outro tipo de discurso, não deve ser dito na forma de linguagem verbal (cf. DOMINGOS).

Dentro dos recursos comumente usados, destacamos, nesta pesquisa, a importância do infográfico. A infografia que, a partir de 1980, tem sido amplamente utilizada por jornais e revistas, é um apelo visual que pode dar novas possibilidades de apreensão da notícia, já que mistura texto verbal e não-verbal, e dá origem a um universo visualmente agradável, chamativo, que oferece maior potencial informativo às notícias científicas.

É importante, porém, destacar que esse recurso visual não se resume ao texto acompanhando a imagem (foto, figura), como é a legenda, ou a imagem ilustrando o texto, como em verbetes enciclopédicos. O infográfico traz dinamismo e movimento à informação, ideais para a compreensão dos processos, experiências e fatos científicos, e sua leitura é “não mais ditada pela linearidade da escrita alfabética, mas pela simultaneidade de uma tela de cinema, televisão, computador” (MACHADO, 25).

O infográfico trata-se, de acordo com Colle (1996, p. 15), de uma unidade espacial na qual se utiliza uma combinação de códigos icônicos e verbais para transmitir uma informação ampla e precisa, para a qual o discurso verbal seria complexo e requereria mais espaço. O autor ainda propõe uma classificação da infografia, assim disposta:

1) **pré-infográfico**: assim chamados porque o texto lhes é externo; englobam o **diagrama infográfico** (figura 1 do anexo) – que tem o mesmo conteúdo informativo de uma tabela, mas, em vez de barras de histogramas, utiliza pictogramas – e o **carto-infográfico** (figura 2), constituído de mapas que utilizam a combinação de pictogramas e texto.

2) **proto-infográfico**: representado pelo **infográfico iluminista** (figura 3), em que o texto é o mais importante e as imagens que o acompanham só têm a função de ilustrá-lo.

3) **infográficos**: agrupam infográficos de primeiro (figura 4) e segundo (figura 5) níveis, em que o texto integra-se ao todo: no de primeiro nível, cumprindo a função de ancoragem e, no segundo nível, transformando-se em parte da dinâmica do infográfico, o que dispensa um texto jornalístico explicativo.

É nesse último tipo que se patenteiam as características estilístico-composicionais do gênero infográfico. Aqui, quanto às **características estilísticas**, à seleção típica dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua, percebemos a utilização de uma linguagem objetiva em 3ª pessoa, bem como a predominância de verbos no presente do indicativo, o que dá ao discurso o valor de simultaneidade – o fato ocorre no momento em que o texto é produzido. Além disso, ocorre a ausência de adjetivos e advérbios, que poderiam denotar algum julgamento de valor. Por fim, a composição é constituída pela presença de **título** (direto e sintético, às vezes acompanhado de linha fina, utilizada para atrair e informar); **texto** (sucinto, claro e explicativo); **corpo** (a essência, a própria informação visual); **fonte** (indicação de onde se obteve a informação); e **crédito** (autor ou autores do infográfico).

5. A ANÁLISE DE UM INFOGRÁFICO COMO TEXTO SINCRÉTICO

A nossa análise recai sobre um infográfico publicado pela revista Mundo Estranho em novembro de 2002 (figura 6 do anexo), que tem como conteúdo temático principal o processo de despoluição do rio Tietê, em São Paulo. Trata-se de um tema polêmico, visto que o programa de limpeza do rio, iniciado em 1992, é considerado um dos mais audaciosos do mundo e tem previsão para terminar apenas em 2020.

O texto imagético, que combina a fotografia de uma maquete com imagens criadas por computação gráfica, pretende, primeiramente, colocar o leitor em contato com o dado principal do tema focalizado, dando a ele uma idéia bem clara de como é um rio poluído – sua água opaca, cinza-esverdeada, que parece pastosa e mal cheirosa, repleta de entulhos; as margens, secas e mortas, suportam diversas “bocas” dos esgotos. Uma descrição verbal certamente tomaria algumas páginas e roubaria um bom tempo do leitor. E é essa permuta entre o verbal e o não-verbal que faz da imagem uma parte integrante e indissociável do enunciado.

A idéia de poluição urbana, de sujeira, nesse “info”, é despertada, também, e instantaneamente, graças à exploração dos recursos cromáticos, em que se vê a predominância do verde-oliva, do cinza e do marrom. Inclusive os quadros onde os textos verbais são inseridos, cuja cor é cinza-claro, mantêm a idéia de poluição, de fumaça. Tal efeito vem muito a calhar, pois rio Tietê, considerado morto há décadas, é tido como um dos mais poluídos do mundo.

Nesse infográfico, os causadores da poluição fluvial são retratados de maneira concisa. Apenas a imagem de uma gama de entulhos sintetiza, junto com o texto verbal, os resistentes geradores da sujeira do Tietê – lixo que chega até ele e provém dos domicílios, das fábricas e das enxurradas. Como os processos de limpeza do rio constituem o tema do infográfico e predominam no texto, o desenvolvimento da sua exposição toma quase as duas páginas do infográfico.

Como se pode visualizar no texto, as tubulações de esgoto são mostradas saindo de seu local de origem – da cidade ou de fábricas – porém já melhorados, moldados para que poluam menos. Um deles traz, já na “boca”, as barras de proteção que impedem a ida de boa parte do lixo sólido para o rio. Concomitantemente, é mostrada uma tubulação que despeja, no Tietê, a água já passada pelas estações de filtragem – também mostradas na figura. O resíduo, devido ao tratamento, mostra-se numa tonalidade mais clara do que a da água imunda do rio. Da mesma forma procede-se para retratar o tratamento dos esgotos que provém das fábricas, cujos resíduos chegam ao rio já menos degradantes.

Observe-se que o rebaixamento do leito do Tietê é mostrado sendo feito por duas escavadeiras. Mais abaixo dessa imagem, dois quadros apresentam, através do que seriam cortes transversais do leito, uma noção de proporção do aprofundamento – qual era a profundidade do rio e como ficou. Um recurso similar a esse foi usado para demonstrar o sistema de monitoramento do interior dos tubos de esgoto pelo qual se pretende detectar ligações de esgotos clandestinas. Para tanto, o enunciador-infografista valeu-se do efeito *zoom*, o qual é capaz de dar ao leitor uma idéia exata de como é o funcionamento das minicâmeras dentro das tubulações.

Destaca-se, também, a imagem das estações de flotação, que injetam oxigênio no fundo do rio para que boa parte da sujeira dali possa emergir e ser mais facilmente retirada. O uso das setas indicando a injeção, no rio, do gás, mostrando a direção em que este vai é um recurso bem eficaz e típico da infografia, sendo muito utilizado nela.

Enquanto isso, se a imagem e os recursos cromáticos trazem um clima agradável à matéria, que atrai e seduz o leitor, a interpretação eficaz dela só é possibilitada pelo uso da linguagem verbal. Segundo Colle (1996), os textos verbais presentes na infografia destinam-se “a assegurar a interpretação correta da imagem”, reduzindo ou evitando, assim, uma possível polissemia, ancorando-se ao pictórico.

No infográfico em questão, as imagens referentes aos processos de despoluição do rio Tietê são, então, todas ancoradas a pequenos textos verbais. A palavra, aqui, vai esclarecer ao leitor o significado do texto pictórico, reiterando-o e regendo sua leitura. Os mesmos trazem conteúdo enxuto e explicativo, evitando tudo o que seja supérfluo para a apreensão da mensagem. A predominância dos verbos no presente do indicativo proporcionam ao leitor “a sensação de estar acompanhando os fatos em se desenrolar” (DOMINGOS). Seus títulos, em letras de tamanhos, formas e cores diferentes do resto do texto verbal, carregam uma prévia do que se trata no texto imagético e guiam o olhar do enunciatório para detalhes do desenho.

Dessa forma, percebe-se que a relação imagem-texto, no infográfico, não se trata de um casual encontro entre duas linguagens, em que uma acompanha a outra por mera estética. As partes desse binômio se fundem, formando um todo indissociável e coerente, uma perfeita coesão intersemiótica, e esse infográfico, como o gênero textual que é, cumpriu seu papel de informação visual.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Graças ao caráter dinâmico e plástico da infografia, é natural que seu uso não se restrinja somente a publicações voltadas para a divulgação científica. Obviamente, sua eficácia em transmitir uma gama de informações num período curto de tempo é capaz de abarcar os mais variados assuntos, como segurança, lazer e cultura, tanto que os infográficos vêm migrando das páginas dos cadernos jornalísticos relacionados à ciência para os de comportamento, atualidades e política, povoando, inclusive, a mídia virtual.

O estágio atual de nossa pesquisa não nos permite, ainda, apontarmos as regularidades do gênero que irão constituir um “modelo didático” a partir do qual poderemos apontar as “dimensões ensináveis” (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004) do gênero e que irão constituir objetos de ensino, o que só pode ser detectado a partir da análise de um corpus constituído por textos do gênero. Todavia, já pudemos identificar as dimensões construtivas do gênero infográfico e apontar a sua funcionalidade.

Como afirma Bakhtin, o princípio para a formação e diferenciação dos gêneros, dentro das esferas sociais, é a necessidade da interação social e a relação entre os participantes e o objeto da interação, e essa necessidade fez surgir a infografia: da necessidade de tornar a informação mais acessível ao leitor atual, ávido por informações científicas em textos inteligíveis para ele. Nos infográficos, o conteúdo temático mostra a especificidade de sua esfera, sua função socioideológica específica – a divulgação científica, que compreende a utilização de recursos, técnicas e processos para a veiculação de informações científicas para esse público.

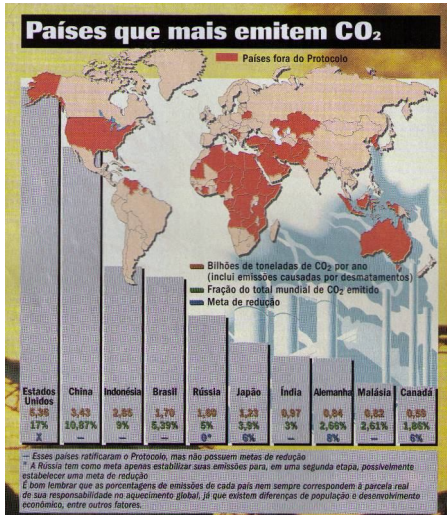
Na composição, destacamos a importância da coerência e coesão intersemióticas para a organização, disposição, combinação e acabamento da totalidade discursiva, que é o gênero infográfico. O texto do infográfico, ao somar imagem e signos verbais, só será bem sucedido se for uma ferramenta útil ao leitor apressado, transmitindo em segundos o que absorve do texto verbal.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M/VOLOCHINOV. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucit, 1929/1979.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem , textos e discursos*. São Paulo: Educ, 2003
- BUENO, Wilson da Costa. *Jornalismo científico no Brasil: aspectos teóricos e práticos*. Comunicação jornalística e editorial, série pesquisa, ECA, 1988.
- COLLE, Raymond. *Infografia: apuntes de infografia periodística*. Santiago Chile:1996.
- DOMINGOS, Adenil Alfeu. *A invasão dos infográficos na sala de aula. Um novo desafio ao professor*. *Signum*, 2007.
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LEIBRUDER, Ana Paula. *O discurso de divulgação científica*. In: BRANDÃO, Helena Nagamine; CHIAPINI, Lígia (coordenadoras) *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortex, 2000.
- MACHADO, Irene. *Expressão ceintífica: arte e ciência*. São Paulo: Escolas Associadas, 2005.
- MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana industrial*. São Paulo: Summus, 1998.
- NASCIMENTO, E.L., CRISTOVÃO, V. L. L. Gêneros textuais e ensino: contribuições do interacionismo sociodiscursivo. In: KARWOSKI, A .; GAYDESCKA, B; BRITO, K. (orgs.) *Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 37-57, 2006.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico: cronotopo e dialogismo*. Tese de doutorado, SP/PUC (LAEL), fevereiro, 2001.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad.Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *Revista Brasileira de Educação*. n.11, 1999. p. 5-16, Maio/Jun/Jul/Ago.

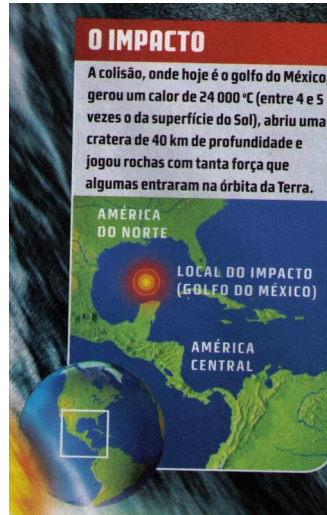
Anexos

Figura 1



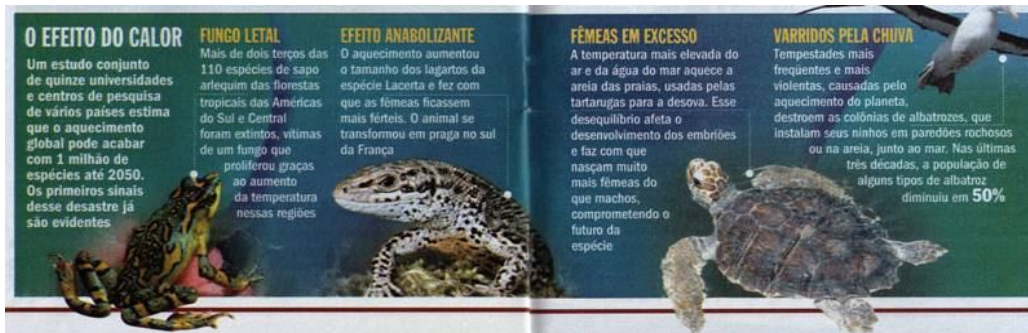
Galileu, dezembro 2005

Figura 2



Superinteressante, dezembro 2005

Figura 3



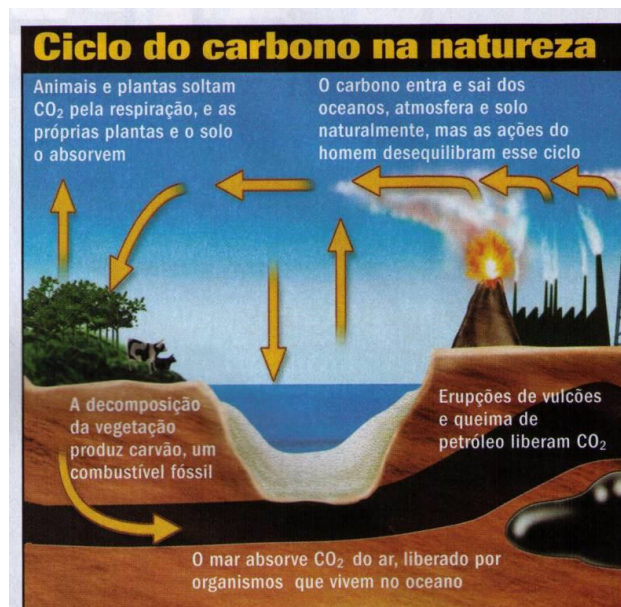
Veja, Junho 2006

Figura 4



Superinteressante, outubro 2002

Figura 5



Galileu, dezembro 2005

Figura 6 (Mundo Estranho, novembro 2002)

ambiente

DESAFIO ECOLÓGICO

Como é possível recuperar um rio poluído?

Bastam três ações: coletar, afastar e tratar os esgotos antes de lançá-los no rio. A receita é simples, mas a maioria dos países não consegue aplicá-la. Um relatório da Comissão Mundial de Águas, entidade internacional ligada à ONU, aponta que entre os 500 maiores rios do mundo, mais da metade enfrenta sérios problemas de poluição. No Brasil, o triste exemplo é o Tietê, seguramente um dos rios mais poluídos do planeta. Quando passa pela região metropolitana de São Paulo, ele recebe quase 400 toneladas de esgoto por dia e é considerado morto: só sobrevivem no seu leito organismos que não precisam de oxigênio, como certos tipos de bactérias e fungos. A principal causa da poluição é o esgoto doméstico. "Quase 5 milhões de pessoas ainda têm seus detritos lançados diretamente no rio", afirma o engenheiro Lineu José Bassoi, da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp). Uma das soluções para controlar essa sujeira seria instalar estações de tratamento dentro do próprio rio. Outra ação essencial é aumentar a quantidade de esgoto tratado, que hoje está em 64% na região metropolitana de São Paulo – tarefas que levarão pelo menos mais 20 anos.

CÂMERA ESPIA
Para identificar ligações de esgoto clandestinas nas galerias de águas pluviais (que recolhem a água da chuva), uma minicâmera passeia pela tubulação. A cada ano, são descobertas 70 mil ligações irregulares!

BARRAS DE PROTEÇÃO
Parte do encanamento da rede de esgotos conta com grades para tentar barrar o lixo sólido que vai para o rio. Entre os dejetos presos nas tubulações, os técnicos da Cetesb já encontraram até um Fusca

A ORIGEM DO PROBLEMA
O Tietê sofre a ação de três tipos de poluição: a industrial, a difusa (formada pelo lixo de casas e das ruas levado pela chuva) e a do esgoto doméstico, a mais prejudicial de todas

OXIGÊNIO EM DOSE EXTRA
Uma das melhores opções para remover a sujeira que cai no rio é a chamada estação de flotação. No fundo do rio, uma rede de tubos injeta microbolhas de oxigênio que fazem a sujeira boiar, facilitando sua retirada. Uma usina experimental de flotação, montada no rio Pinheiros (que joga água no Tietê), deve entrar em operação nos próximos dois meses

Por Rodrigo Ratier

OPERAÇÃO DE GUERRA

Trabalho de limpeza do rio Tietê, em São Paulo, tem várias frentes de ação

FILTRAGEM LIMITADA
Cerca de dois terços do esgoto da Grande São Paulo passam por uma das cinco estações de tratamento da região antes de chegar ao rio. A água que sai daqui para o Tietê é água de reuso – serve para irrigação e indústrias, mas não é potável

REBAIXAMENTO DO LEITO
O aprofundamento de 2,5 metros da calha do Tietê, aumentando sua profundidade, visa evitar enchentes. Mas um fluxo de água maior também ajuda na despoluição. Além de areia e terra, as dragas já retiraram mais de 85 mil pneus do fundo do rio!

MODERNIZAÇÃO INDUSTRIAL
Mercúrio, zinco, chumbo e outros metais pesados ainda aparecem no Tietê, mas em concentrações muito menores que em 1992, quando começou o trabalho de despoluição. Hoje, 90% das 1.250 indústrias poluentes têm algum tipo de tratamento próprio para seu esgoto químico